



NARRATIVAS DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: o papel transformador do educador social na construção da cidadania

Angélica Ricardo dos Santos Pereira
Elaine Conte¹
Raquel Amélia dos Santos

Resumo

Este estudo promove uma análise das práticas sociais de educar, focando no papel do profissional atuante na educação não formal, conhecido como educador social. Realizamos uma pesquisa exploratória de abordagem hermenêutica para situar o campo de conhecimento da educação não formal, apresentado fora do currículo escolar, cujas experiências e pesquisas sobre o tema ainda são escassas. O educador social busca promover a formação da cidadania, participação solidária e ação social, sendo crucial para o desenvolvimento humano e construção de uma sociedade mais justa. As análises abordam a concepção vigente do educador social e suas interações no processo de socialização, percebendo-as como condição essencial para a liberdade cooperativa. Concluímos que a educação não formal vem ganhando relevância ao proporcionar condições para a formação da diversidade cultural, o reconhecimento do outro e o estímulo ao diálogo com as diferenças. Destaca-se sua capacidade de questionar e compartilhar alternativas frente aos desafios cotidianos, abrangendo dimensões políticas, ecológicas, éticas, estéticas, corporais, lúdicas e afetivas dos sujeitos. O educador social emerge como um agente transformador, viabilizando o desenvolvimento humano e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva, plural e democrática.

Palavras-chave: educação não formal; educador social; projetos sociais; cidadania.

NARRATIVES OF NON-FORMAL EDUCATION: the transforming role of the social educator in the construction of citizenship

Abstract

This study promotes an analysis of the social practices of education, focusing on the role of the working professional in non-formal education, known as social educator. We conducted exploratory research of hermeneutic approach to situate the field of knowledge of non-formal education, presented outside the school curriculum, whose experiences and research on the subject are still scarce. The social educator seeks to promote the formation of citizenship, solidarity participation and social action, being crucial for human development and the construction of a fairer society. The analyses approach the current conception of the social educator and its interactions in the socialization process, perceiving them as an essential condition for cooperative freedom. We conclude that non-formal education has been gaining relevance by providing conditions for the formation of cultural diversity, recognition of the other and stimulating dialogue with differences. It highlights its ability to question and share alternatives to everyday challenges, covering political, ecological, ethical, aesthetic, body, playful and affective dimensions of individuals. The role of the social educator emerges as a transforming agent, enabling the integral development of the subjects and contributing to the construction of a more inclusive and conscious society.

Keywords: non-formal education; social educator; social projects; citizenship.

¹ Bolsista de Produtividade Desen. Tec. e Extensão Inovadora do CNPq e Pesquisadora Gaúcha da FAPERGS.



NARRATIVAS DE EDUCACIÓN NO FORMAL: el papel transformador del educador social en la construcción de la ciudadanía

Resumen

Este estudio promueve un análisis de las prácticas sociales de educar, enfocándose en el papel del profesional que actúa en la educación no formal, conocido como educador social. Realizamos una investigación exploratoria de abordaje hermenéutico para situar el campo de conocimiento de la educación no formal, presentado fuera del currículo escolar, cuyas experiencias e investigaciones sobre el tema aún son escasas. El educador social busca promover la formación de la ciudadanía, participación solidaria y acción social, siendo crucial para el desarrollo humano y la construcción de una sociedad más justa. Los análisis abordan la concepción vigente del educador social y sus interacciones en el proceso de socialización, percibiendo como condición esencial para la libertad cooperativa. Concluimos que la educación no formal viene ganando relevancia al proporcionar condiciones para la formación de la diversidad cultural, el reconocimiento del otro y el estímulo al diálogo con las diferencias. Se destaca su capacidad de cuestionar y compartir alternativas frente a los desafíos cotidianos, abarcando dimensiones políticas, ecológicas, éticas, estéticas, corporales, lúdicas y afectivas de los individuos. La actuación del educador social emerge como un agente transformador, viabilizando el desarrollo integral de los sujetos y contribuyendo para la construcción de una sociedad más inclusiva y consciente.

Palabras clave: educación no formal; educador social; proyectos sociales; ciudadanía.

INTRODUÇÃO

A educação não formal é um campo de conhecimento em construção² ancorado na própria dinâmica social e justificada na ideia de que “[...] a necessidade de aprender não se encontra dentro de um código, mas no direito inalienável que cada um tem para sobreviver” (Gronemeyer, 1989, p. 81). O profissional que atua nesta área é denominado de educador social. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reconhece a existência dos ambientes educativos situados fora do meio escolar, onde podemos ler que a educação não formal é aquela que abrange “[...] processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (Brasil, 1996, art. 1º).

De acordo com Von Sinson, Park e Fernandes (2001), a essência da prática educativa reside na aproximação ao que o outro busca em termos de (re)conhecimento, cuja construção de saberes se molda pelas escolhas dos participantes, no caminho do autoconhecimento e do reconhecimento dos diferentes repertórios culturais por meio da inter-relação humana. Trabalhar para exercer a cidadania e questionar os problemas do cotidiano são conteúdos presentes da educação não formal. Por isso, lançamos as seguintes perguntas: Como o educador social pode contribuir para a construção de saberes contemporâneos? Quais as repercussões do trabalho do educador social à (re)construção de saberes humanos? Tais inquietações vêm à tona porque nunca houve tanta informação e nunca se soube tão pouco sobre o conhecimento humano, visto que o ser humano

² Ao investigar o campo na plataforma SciELO, com as palavras-chave *educação não formal* e *trabalho*, identificamos apenas onze (11) resultados até agora. Destes, só um dialoga com este estudo de forma ampla (Goergen, 2013). O interesse nessa área ganhou força em 2009, quando os educadores sociais obtiveram o reconhecimento profissional pelo fortalecimento da identidade trabalhista, regulamentando a profissão com a formação mínima de ensino médio, descrita como uma profissão caráter pedagógico e social, devendo estar relacionada à realização de ações afirmativas, mediadoras e formativas (Brasil, 2015; Gohn, 2011).



se encontra em migalhas, cada vez mais fragmentado, resignado e excluído da globalização (Morin, 2019).

Adotamos a perspectiva hermenêutica para interpretar os diferentes textos e narrativas, buscando seus sentidos na complexificação atual, que, por sua vez, revela uma autêntica abertura ao outro e aos contextos dos sujeitos. Em vista disso, realizamos leituras que discutem questões da educação não formal e elaboramos um questionário *online* para entender como se dá a construção dos saberes culturais. A “[...] hermenêutica permite que a educação torne esclarecida para si mesma suas próprias bases de justificação, por meio do debate a respeito das rationalidades que atuam no fazer pedagógico. Assim, a educação pode interpretar o seu próprio modo de ser, em suas múltiplas diferenças” (Hermann, 2002, p. 83).

Nesse cenário, a compreensão dos problemas atuais exige um trabalho interpretativo acerca das linguagens que partem dos contextos e da realidade emergente (Habowski, Jacobi, Conte, 2018). O questionário *online* foi disponibilizado e respondido por dezoito (18) participantes, dos quais, sete (7) estudantes (mencionados de E1 a E7) e onze (11) graduados (tratados de G1 a G11), das seguintes áreas: (2) administração, (9) pedagogia, (2) história, (3) letras, (1) designer e (1) dança. Os participantes possuem idades entre 24 e 43 anos e seus nomes foram substituídos para manter o anonimato³. Por tudo isso, buscamos dar visibilidade a narrativas de práticas sociais, reforçando os desafios necessários à educação não formal na contemporaneidade.

O conceito de educação não formal – notas de campo

Existem algumas definições de educação não formal no Brasil e no mundo. “É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o outro em sociedade. Ela designa conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes” (Gohn, 2010, p. 33). A educação não formal se aproxima da educação popular, contudo, esta última é associada às classes sociais desfavorecidas economicamente, enquanto a primeira não. Em síntese,

Como educação não é sinônimo de escola, dado que esta é parte daquela, tudo o que se expande para além da formalização escolar é território educativo a ser operado. Ademais, se essa operação compartilhante na Educação não formal pretende a consolidação de uma sociedade com convivência justa e equânime, a cidadania em paz é o horizonte. (Cortella, 2007, p. 47).

Conforme Souza (2016), o país pioneiro na América Latina em relação à educação social foi o Uruguai, também foi o primeiro a proporcionar formação profissional nesta área. Outro exemplo de educação não formal está em Senegal, que “[...] tem a função de contribuir com a formação dos sujeitos, principalmente por não oferecerem no país a educação formal para todos. A educação não formal passa a ser uma alternativa” (Souza, 2016, p. 102). O conhecimento adquirido por meio deste campo em diferentes países contribui para a aprendizagem política dos direitos humanos dos cidadãos, ajudando-os a atuarem no mundo do trabalho, desenvolvendo a capacidade de fazer leituras críticas do mundo, em meio às controvérsias formas de desumanização das culturas, exclusão e injustiça social.

Atualmente, sua ênfase está na prática da educabilidade humana, especialmente direcionada às pessoas em condições sociais desfavoráveis (Caliman, 2008). A ação educativa ficou por muito tempo concentrada na escola o que confundiu educação a escolarização, tornando as necessidades

³ O critério de escolha dos participantes considerou, como critério de inclusão, se os estudantes e graduados tiveram alguma experiência em ações na área, a serviço da comunidade, projetos sociais e programas na educação não formal.



de formação e aprendizagem responsabilidades exclusivamente do âmbito escolar. Entretanto, há uma profunda ligação entre educação não formal, formação humana e desenvolvimento comunitário, uma investida pedagógica vinculada à mobilização de transformações sociais. “A escola é uma instituição histórica. Não existe desde sempre nem nada garante sua perenidade (ou exclusividade). Foi e é funcional a certas sociedades, mas o que é realmente essencial a qualquer sociedade é a educação” (Ghanem, Trilla, 2008, p. 17). O processo de educação não formal converge para os valores democráticos, do bem-estar social, do direito de agir com liberdade, do conhecimento cultural, ambiental, linguístico e político, subvertendo a lógica do mercado, de modo a diminuir as desigualdades sociais nos processos de educação enquanto círculos comunitários.

A educação não formal consiste em toda a atividade organizada, sistemática e educativa, realizada fora do sistema oficial, para facilitar determinados tipos de aprendizagem a grupos específicos da população, tanto adultos como infantis. Alguns aspectos são relevantes ao educador social para atuar com os outros no mundo. Nas palavras de Graciani (1999, p. 208), o educador social

[...] é um mediador do diálogo do educando com o conhecimento. Assumindo a intervenção, a diretividade do processo, revê a diferença entre o seu saber e o saber do educando e compromete-se com a assimetria inicial, caminhando na direção de diminuir gradativamente essa diferença. Ter intencionalidade, dirigir, é ter uma proposta clara do trabalho pedagógico, é propor e não impor, é desafiar o educando para aprender a pensar, elaborar e criar conhecimentos.

A educação não formal poderá desenvolver uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos; construção e reconstrução de concepção de mundo e sobre o mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o sujeito para a vida e suas adversidades (não só para o mercado de trabalho); resgata o sentimento de valorização de si na coletividade (Gohn, 2010). Estes aspectos se somam e complementam ao que foi considerado por Araujo e Luvizotto (2012). Trata-se de um perfil em que associadas as suas competências, habilidades e atitudes, ou saberes profissionais, o trabalho do educador social precisa estar pautado em princípios democráticos e metodologias diferenciadas de ação, que incluem estudo de indicadores socioculturais e econômicos, contextualização da comunidade no conjunto das redes sociais e temáticas afinadas a pesquisas históricas.

Nesse contexto, Martha Nussbaum (2015) diz que a situação da educação na contemporaneidade está sufocada pelo crescimento econômico, pela pedagogia conteudista, potencializada na busca por competências padronizadas, que põe em risco a democracia e em crise a esperança educativa de um mundo humanizado. A autora chama a atenção no sentido de provocar ações para sair da superficialidade e voltar-se para objetivos mais profundos da educação - a necessidade de manter as humanidades em conexão, considerando as artes e a literatura que são fontes de humanização. Segundo Nussbaum (2015), toda sociedade precisa enfrentar o medo, a ganância narcísica e a estupidez, especialmente em tempos marcados pelo autoritarismo, pela agressividade generalizada e pela economia da atenção, a fim de promover valores como liberdade, igualdade, compaixão e respeito mútuo. Para isso, é fundamental formar pessoas capazes de conviver com os outros com base no reconhecimento das diferenças e da dignidade humana. Trata-se, ainda, de “[...] desenvolver a capacidade dos alunos de ver o mundo do ponto de vista dos outros” (Nussbaum, 2015, p. 29-45).

Onde a educação não formal se faz presente: análise dos resultados



No Brasil, há uma série de lugares distintos onde a educação não formal está presente, desde projetos como *escola aberta* nos finais de semana, em instituições comunitárias, projetos apoiados pelas prefeituras, ações de educação para o trânsito, que promovem a valorização do meio ambiente, programas de jovem aprendiz, de formação sobre direitos humanos, pedagogia hospitalar, extensão rural, a partir das ONGs, e nos últimos tempos, a mediação em museus de ciência. Gonzalez e Pedroza (2013) apontam que as possibilidades da atuação do pedagogo nesses espaços são marcadas pela autonomia e flexibilidade de ações, por questões de participação política ligada ao trabalho, que articulam educação e cultura no âmbito da educação social e por atividades extracurriculares da própria escola, no sentido do enfrentamento de preconceitos e discriminações.

Ghanem e Trilla (2008, p. 42) argumentam que “[...] o conjunto de instituições, atividades meios e programa que já acolhem a educação não formal é tão amplo e variado que, afora algumas generalidades já expostas anteriormente, há bem pouco a dizer sobre ele que seja de fato aplicável a todo o setor”. Diante disso, na coleta de dados, notamos que dos dezoito participantes, onze têm o curso de graduação completa e sete estão com a educação superior em andamento, mas nenhum deles possui uma formação específica na área.

Fica claro nos relatos dos participantes a vontade de contribuir com algo na vida das pessoas, com a condição humana, tomando essa postura existencial um motivador ativo das ações humanas e desse olhar atento e diferenciado do educador social. O participante G2 relata: *através deste trabalho* (referindo-se à educação não formal) *en segui a minha profissão de hoje. Vi a importância de me relacionar com outras pessoas, principalmente crianças, que foi o meu caso, de poder de alguma forma ajudá-las.* Isto é anunciado por Caliman (2010, p. 362),

A relação educativa é essencial para que aconteçam os processos educativos na educação social: o educador tem capacidade de transformar opiniões dos educandos se e somente quando consegue construir boas relações baseadas na confiança. A confiança se constrói através de uma presença atenta. Não basta *ajudar, educar*, mas é preciso ter autoridade para tal.

A relação com o outro dentro deste contexto é um grande desafio. É necessário criar vínculos educativos e socioemocionais para fomentar a aprendizagem social. Conforme a narrativa G4: *Uma relação de reciprocidade, sempre aprendemos uns com os outros. A função do educador está como um mediador entre o conhecimento a ser adquirido e o que o educando já traz com ele. A educação não formal provoca o desenvolvimento humano em sociedade e um maior (re)conhecimento da educação integral, que beneficia todos aqueles que agem e transformam as comunidades nas quais vivem.* Corrobora aqui, o relato da participante E2: *Quando ensinamos algo para nossos educandos, não estamos ensinando apenas a eles e sim todos que o rodeiam.* É possível perceber os valores que a educação não formal desperta, tão importantes para potencializar a autoconfiança, a empatia, a cidadania, os atos de solidariedade, tal como reforça Gohn (2006, p. 3):

A educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de autoajuda denominam, simplificadamente, como a autoestima); ou seja, dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para de ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais etc.).

O educador, quando atua em projetos sociais, vive um momento formativo de reinvenção de experiências e conhecimentos, pois, ao se colocar à disposição de um projeto de sociedade, que envolve o aprender na partilha com os outros, exercitando a escuta sensível, pode repensar a cultura



profissional e sociocultural. Complementa o participante E5: *É uma rica troca, pois os usuários vêm com a bagagem de vida e o educador com o compartilhamento do conhecimento.* Freire (1987, p. 78) diz que “[...] o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa. Ambos assim se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos”. A transformação social é uma tarefa justificada no reconhecimento mútuo, o que exige andar juntos e de mãos dadas.

Na educação não formal não existe o peso da obrigação, mas o desejo de participar e de trabalhar juntos. Isso faz com que o educando possua mais interesse em aprender, como reforça o G10: *Percebo uma relação amigável e respeitosa, porque geralmente neste tipo de educação o educador é um voluntário que transmite aquilo que sabe apenas de boa vontade, sem uma troca financeira e o educando geralmente está ali, quando fora do ambiente escolar, porque gosta daquilo que está sendo ensinado.* Nessa relação de horizontalidade, encontramos diversas vantagens para a educação como prática de liberdade, fundamentalmente humanizadora. O educador torna-se um provocador de conhecimentos e o educando torna-se autor do pensar e autoconfiante, como diz a E2: *Destaco o comprometimento deles, não somente durante os encontros, mas em atividades que ficam como tema de casa e a busca por conta própria sobre os assuntos tratados, ou seja, desenvolvimento da autonomia.* Soma-se a isso, a posição do G9: *Consegui expandir ainda mais meus conhecimentos. Adquiri mais criatividade e aprendi a gerenciar melhor os problemas internos (dentro da aprendizagem). Conseguir despertar minha liderança e chegar mais próximo ao jovem (sempre tentando me colocar no lugar dele e entender seu ponto de vista).*

Com os relatados acima, ficam explícitas diferentes questões envolvidas e a disponibilidade dos educadores quando estão engajados em atividades fora do âmbito escolar, dando condições para o exercício pleno da cidadania. Os participantes demonstram alegria em educar e proporcionar momentos de partilha de saberes com os envolvidos, tornando possível abrigar a pluralidade do humano. Ao longo dos tempos, o direito à educação democrática e a luta pelo humano foi sendo uma conquista da humanidade, voltada para o contato com a cultura, a socialização com o outro, o diferente, o bem comum, pois, democracia é literalmente educação política e cidadã (Conte, Trevisan, Santos, 2023). Contudo, o educador que atua na educação não formal tem a liberdade e a responsabilidade de garantir ações conjuntas com quem aprende, na construção cooperativa do que é tecido junto com os membros da comunidade, em seus distintos saberes, contextos e necessidades, mas sem uma formação adequada (Freire, 1987).

REFLEXÕES FINAIS

Concluímos que nem sempre o educador é formado para exercer esse papel social e que são poucas as investigações nesse campo em prol da qualificação profissional. Contatamos que não existe uma formação específica para o educador social, mesmo com alguns cursos e projetos de lei para regulamentar a profissão. A educação é a condição inalienável do direito à cidadania, à vida humana e à construção de conhecimentos solidários e inclusivos, para contextualizar a história de lutas por direitos humanos e para transformar o mundo (Freire, 1996).

Apesar da abertura a novas iniciativas da educação não formal, que brota das necessidades socioculturais diante da conjuntura política, essa área é desconhecida por diversas pessoas, dando a entender que a construção da identidade profissional do educador social ocorre a partir da própria práxis e envolvimento social. É importante frisar a carência de uma sistematização das metodologias no trabalho dos educadores ou mesmo uma espécie de voluntarismo das práticas vigentes em torno das necessidades em todos os âmbitos da vida, mas, o envolvimento comunitário gera uma espécie de empoderamento sociocultural e de reconhecimento mútuo.

Pensando nesse tema, identificamos que o educador não formal é um mobilizador de ações participativas e mediador pedagógico de ações conjuntas com quem aprende em comunhão na construção de novos saberes (Freire, 1987). A partir dos dados obtidos, a pesquisa identificou que a educação não formal é essencial na construção de uma cidadania crítica e reflexiva, pois proporciona saberes diferentes que a escola sozinha não consegue incluir ou dar conta no *intramuros* escolar. Além desses dados, a pesquisa também observou que muitos dos entrevistados cursaram ou estão cursando pedagogia ou outra licenciatura, o que mostra que o papel do educador social ainda é um campo em desenvolvimento e carece de investimento humano na *práxis*.

A educação social tem muito a contribuir para embasar e ampliar a capacidade de um conjunto de práticas comuns voltadas para a participação e o reconhecimento mútuo como um dos pilares da produção do pensamento e do conhecimento, que brota das necessidades socioculturais diante da conjuntura política. É importante frisar a indispensável participação ativa dos educandos nos processos de ensino e de aprendizagem. Por meio da interação social, trabalhando com o lúdico e ressaltando as capacidades de cada um, o educador auxilia diretamente na construção de um conhecimento significativo, contextualizado e que atenda às necessidades da vida em comunidade.

A elaboração do trabalho em questão teve como finalidade também esclarecer os desafios da educação não formal e discutir a sua importância, tendo a educação como condição inalienável do direito à cidadania, à vida humana e à construção de conhecimentos solidários e inclusivos. Contudo, reconhecemos que este permite um trabalho transcendente que mobiliza potencialidades diversas e que gera novas ações e iniciativas democráticas que acabam empoderando os sujeitos, muitas vezes, excluídos dos programas de governo. A educação não formal acontece há séculos, cada vez mais vêm adquirindo força na garantia dos direitos humanos e dos encontros formativos na vida em sociedade. Portanto, as propostas de uma educação não formal colaboram para o planejamento de uma educação integral para todos e para o desenvolvimento socioemocional em todos os âmbitos da vida, o que estimula e desafia no sentido de que todos nós podemos reinventar a forma também histórica de lutar e mudar o mundo (Freire, 1996). Assim, o educador social poderá utilizar seus conhecimentos para desenvolver atividades agregadoras, por meio de propostas que exigem seres pensantes e humanos à interação social com os outros, contribuindo para reflexões acerca da educação não formal e desmistificando preconceitos a extensão, retomando o sentido humano da experiência na *práxis*.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Joselaine; LUVIZOTTO, Caroline. Educação não formal: a importância do educador social na construção de saberes para a vida em coletividade. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 9, n. 2, p. 73-78, jul./dez. 2012. Disponível em <http://revistas.unoeste.br/revistas/ojs/index.php/ch/article/viewFile/818/839>. Acesso em 10 nov. 2023.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei n. 9.394, de 20 dezembro de 1996. Brasília: CNE, 1996.

BRASIL. Senado Federal. *Projeto de Lei do Senado nº 328, 2015*. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de educadora e educador social e dá outras providências. Aprovado nas Comissões de Constituição, Justiça e Cidadania; de Educação, Cultura e Esporte; e de Assuntos Sociais. Brasília, 2015.



CALIMAN, Geraldo. *Paradigmas da exclusão social*. Brasília: Universa/Unesco, 2008.

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia Social: seu potencial crítico e transformador. *Ciências da Educação Americana*, n. 23, p. 341-368, 2010. Disponível em <http://sites.unicentro.br/wp/cursodepedagogia/files/2011/08/caliman-pedagogia-social-transformadora.pdf>. Acesso em 30 ago. 2023.

CONTE, Elaine; TREVISAN, Amarildo Luiz; SANTOS, Fabiane Rodrigues dos. A formação política e cidadã do professor: luta pelo humano. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 74, p. 38-54, 2023. Disponível em <https://doi.org/10.12957/teias.2023.75640> Acesso em 14 abr. 2025.

CORTELLA, Mário Sérgio. A contribuição da educação não formal para a construção da cidadania. In: CORTELLA, Mário S.; SIMSOM, Olga R. von; PARK, Margareth; FERNANDES, Renata et al. *Visões singulares, conversas plurais*. São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2007. p. 43-52.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. *Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summes, 2008.

GOERGEN, Pedro. A educação como direito de cidadania e responsabilidade do Estado. *Educação & Sociedade*, v. 34, n. 124, p. 723-742, set. 2013. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000300005> Acesso em 14 abr. 2025.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 2011.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. *Proceedings online...* I Congresso Internacional de Pedagogia Social, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, v. 1, 2006. Disponível em http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn. Acesso 19 nov. 2023.

GONZALEZ, Wania; PEDROZA, Sâmia. Limites e possibilidades da atuação do pedagogo em espaços não formais de ensino: algumas questões para o debate. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, v. 11, n. 26, p. 240-265, 2013. Disponível em <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewFile/1106/548>. Acesso em 10 nov. 2023.

GRACIANI, Maria Stela S. *Pedagogia social de rua*. Análise e sistematização de uma experiência de vida. 4. ed. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

GRONEMEYER, Marianne. Les chocs de la vie, moteur ou frein de l'apprentissage? *Education Permanente*, Fundación Dilnet, v. 100/101, p. 79-89, 1989.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; JACOBI, Daniel Felipe; CONTE, Elaine. Garimpando ideias para a reconstrução do círculo hermenêutico e do círculo de cultura. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, p. 275-287, abr. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.12957/teias.2018.29719> Acesso em 14 abr. 2025.

HERMANN, Nadja. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

MORIN, Edgar. Nunca houve tanta informação e nunca se soube tão pouco sobre o ser humano. *Jornal diariOnline Região Sul*, 20 nov. 2019. Disponível em <http://regiao-sul.pt/2019/11/16/educacao-e-ciencia/nunca-houve-tanta-informacao-e-nunca-se-soube-tao-pouco-sobre-o-ser-humano-edgar-morin/481220>. Acesso em 20 nov. 2023.

NUSSBAUN, Martha. *Sem fins lucrativos: por que a democracia precisa das humanidades?* São Paulo: Martins Fontes. 2015.

SOUZA, Cléia Renata Teixeira de. *Educação Social e Avaliação: indicadores para contextos educativos diversos*. 2016. 219 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2016.

VON SINSON, Olga Rodrigues; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (orgs.). *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas, SP: Editora Unicamp/Centro de Memória, 2001.

*Submetido 08 de março de 2024
Aprovado 31 de julho de 2024*

Informações das autoras

Angélica Ricardo dos Santos Pereira
Universidade La Salle (UNILASALLE, Canoas, RS)
E-mail: angelicaricardo1@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6866-2380>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1130741379538158>

Elaine Conte
Universidade La Salle (UNILASALLE, Canoas, RS)
E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0204-0757>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8885390885955168>

Raquel Amélia dos Santos
Universidade La Salle (UNILASALLE, Canoas, RS)
E-mail: raquelameliasantos@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4686-0367>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0857741570001119>